Dossier - Depois do 11 de Setembro

Sérgio Vieira de Mello - Os ideais e a realidade

Gelson Fonseca

Sérgio Vieira de Mello foi um grande homem. Pelo que representava, pelo que realizou, pela força da sua personalidade. A forma brutal como foi morto constitui um duro golpe para as Nações Unidas e para todos aqueles que lutam por um mundo melhor, mais humano.

Como embaixador nas Nações Unidas, tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e de vê-lo trabalhar. Lembro de nosso primeiro encontro, no prédio do Secretariado em Nova Iorque. Sérgio ocupava o cargo de Subsecretário para Assuntos Humanitários. Sua agenda era extensa, mas, comigo, sua preocupação mais imediata era saber de que maneira o Brasil poderia contribuir para que se criassem condições políticas para que alimentos e assistência médica chegassem aos locais onde se encontravam os milhões de deslocados do conflito em Angola.

Os acampamentos eram pobres, as estradas estavam minadas, a situação humanitária se agravava. Vi em Sérgio a comoção pelo sofrimento e, ao mesmo tempo, o rigor com que buscava saídas para as situações em que não havia nenhuma solução fácil. Afinal, em seus trinta anos de Nações Unidas, Sérgio aceitara missões quase impossíveis onde a presença da ONU representava frequentemente a diferença entre a vida e a morte dos mais vulneráveis.

Voltámos a ter contactos frequentes quando foi designado representante especial do Secretário Geral para Timor, uma missão de contornos absolutamente inéditos para a ONU, e que começava em um contexto trágico. Sérgio tinha que liderar o processo de construção de nação, praticamente a partir do nada. A destruição promovida pelas milícias pró-Indonésia tinha sido avassaladora. Sérgio demonstrou qualidades insuperáveis.

A missão era complexa, ampla: construir condições de governabilidade democrática onde faltavam instituições e experiência política, oferecer bases mínimas para que a sociedade se organizasse quando praticamente não existiam escolas e serviços de saúde, criar bases económicas sustentáveis para a economia que vivia estagnada. Sérgio conseguiu realizá-la. Por muitas razões, e a primeira é que sempre foi um homem de convicções e ideais.

Reconstruir Timor se transformou em uma missão no sentido mais profundo da palavra. Porém, Sérgio também compreendeu que conhecer a sociedade local, entender a dinâmica política, respeitá-la para avançar era outra dimensão essencial de seu trabalho.

Sérgio conhecia os pequenos meandros da vida política timorense, convivia fraternalmente com as lideranças locais, com Xanana Gusmão, com o Bispo Belo, com Ramos Horta e com tantos outros. Todos os que passámos por Timor pudemos constatar porque sua liderança foi fundamental para que a ONU alcançasse plenamente os objectivos de ajudar um povo heróico a “construir a nação”.

Sérgio tinha muitas virtudes, mas a que mais me impressionou foi o seu sentido de realidade, de entender cada desafio de todos os seus ângulos. No mundo multilateral, realizar ideais depende de sensibilidade política. Nunca o vi esquecer ideais, atenuar convicções, temer os poderosos, deixar de dizer o que pensava. Mas, Sérgio sabia que os ideais não viviam em vácuo político e os tempos e modos de realizá-los dependem de sensibilidade, de acuidade política. Nisto, era um irmão intelectual de Kofi Annan e, talvez por isto, o Secretário Geral o admirasse e fosse o funcionário que preferia quando se tratava de missão quase impossível.

De facto, a ONU chega – como chegou, com Sérgio, em Kosovo, em Timor e, agora, no Iraque – quando se descartaram todos os caminhos fáceis de solução, quando se combinam crises humanitárias (refugiados, deslocados) e conflitos políticos agudos. O que a ONU pode oferecer é, em primeiro lugar, valores que são fundamentais para a solução de qualquer conflito, a começar pelo sentido de tolerância e pela defesa dos direitos humanos. O próprio Sérgio, numa entrevista recente a um jornal brasileiro, dizia: “O importante em nosso trabalho, o essencial para ser considerado um verdadeiro parceiro, independente e imparcial, é justamente estar aberto ao diálogo com o leque completo da sociedade, inclusive daquelas forças do mal. É nesse diálogo que vamos nos transformando em uma espécie de ponte, de elo, de laço”. (Jornal do Brasil, em 17/08/2003).

Em seguida, paciência para negociar, para lidar com diferenças que só podem ser superadas com a imparcialidade que a organização oferece. Finalmente, capacidade de organizar a resposta a situações complexas, que envolvem aliviar o sofrimento dos mais desvalidos a complicados movimentos de engenharia política.

Diante dos desafios, a atitude de Sérgio era exemplar. Tinha coragem. Sempre olhava para diante, com o fé de que o trabalho, orientado pelos bons valores, fará com que o futuro seja melhor que o passado. Tinha a atracção das causas complexas. Tinha habilidade para resolvê-las e personalidade de um líder natural, que não se mostra como tal, mas é aceito por todos. Combinava a juventude nas convicções com a maturidade da experiência para realizá-las. Assim, ganhava o respeito e era amplamente admirado na ONU e fora dela. Todos os funcionários queriam trabalhar com ele; os diplomatas o respeitavam; a imprensa confiava no que dizia. Era um líder das boas causas. Entendi perfeitamente o que Kofi Annan disse quando afirmou que Sérgio era indispensável, como entendi que, falando por um celular, tenham sido suas últimas palavras, que “não se retirasse a missão da ONU do Iraque”.

Para o Brasil, a perda não foi menor. Sérgio era um funcionário internacional mas, de alguma maneira, projectava valores que são caros à nação brasileira. Mostrou que a paz e a estabilidade do mundo dependem de maior respeito ao direito internacional e aos direitos humanos, da expansão da democracia, do controle de armamentos e da solidariedade entre as nações. Sérgio encarnou, como poucos, a ideia de que a via multilateral deve ser privilegiada no tratamento dos conflitos, que a razão deve prevalecer sobre os argumentos de poder, que a força nunca constrói.

Conviver com Sérgio era ganhar em humanidade. Ficamos mais pobres com a sua ausência e, ao mesmo tempo, mais conscientes de que as suas convicções e o trabalho da ONU são os únicos fundamentos para a construção de uma verdadeira paz entre as nações. É preciso continuar a sua obra. É a melhor maneira de honrar seus ideais e o seu sacrifício.